

43º Encontro Anual da Anpocs

SPG17 Mídias Digitais, subjetividades e diferenças

**GESTÃO DOS CORPOS E DA SEXUALIDADE DAS MULHERES CIS:  
ETNOGRAFIA VIRTUAL DAS JOVENS QUE FIZERAM USO DA PÍLULA  
ANTICONCEPCIONAL<sup>1</sup>**

Asher Brum - UFMS<sup>2</sup>

Juliane Helanski - UNIOESTE<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Uma primeira discussão de alguns dados apresentados aqui está em: HELANSKI, Juliane. “Gestão tecnomolecular do corpo e da sexualidade das mulheres cis no ciberespaço: etnografia das jovens youtubers que fizeram uso da pílula anticoncepcional”. In: XII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER – Associação Brasileira dos Pesquisadores em Cibercultura. DEVIRES DA CIBERCULTURA: POLÍTICAS E PRÁTICAS. Porto Alegre, 2019a. NO PRELO.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas e professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UFMS. Coordena o Laboratório de Antropologia e Subjetividade (ANSUB). Email: asherbrum@gmail.com.

<sup>3</sup> Professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste. É Mestra em Ciências Sociais (Unioeste) e participa do Laboratório de Pesquisa Antropologia e Subjetividade, ANSUB (UFMS). E-mail: julianhelanski@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

A partir das narrativas das mulheres, jovens, cis, que publicam vídeos no Youtube, é possível afirmar que a pílula anticoncepcional pode ser pensada como parte de um programa político que envolve um conjunto de dispositivos técnicos e científicos de produção do corpo e da sexualidade das mulheres. Nesse sentido, nosso objetivo é analisar tais narrativas como “técnicas de si” (FOUCAULT, 1985; 1987; 1988; 1998) que contribuem para a reinvenção das subjetividades dessas mulheres e, possivelmente, para a elaboração e desenvolvimento de novas “estéticas da existência” (FOUCAULT, 1985; 1987; 1988; 1998). Partiremos de uma apropriação crítica dos conceitos de “cuidados de si” e de “estéticas da existência” – como sugeridos por Foucault (1985; 1987; 1988; 1998) e rediscutidos por Margaret A. McLaren (2016) e Paul B. Preciado (2018). Investigaremos as possibilidades de construção de outros modos de vida diferentes dos hegemônicos, uma vez que essas mulheres relatam que chegaram à decisão de parar de tomar a pílula pelo fato de que “o prazer vem em primeiro lugar”. Isso é importante porque as mulheres frequentemente abrem mão do seu próprio prazer para estar em uma relação, inclusive, tomar a decisão de não tomar a pílula pode significar que muitos homens já estão fora da possibilidade de serem parceiros para elas (caso eles não aceitem usar outros métodos contraceptivos). Pesquisas na área da saúde reprodutiva apontam que ocorre uma desigualdade entre homens e mulheres no momento de assumir a responsabilidade pela anticoncepção, responsabilizando, na maioria das vezes, as mulheres (AZEREDO & STOLCKE 1991; MUNDIGO, 1995; RINGHEIM, 1996).

Desse modo, nossa proposta é analisar as narrativas publicadas através do Youtube por mulheres jovens – entre 24 e 30 anos de idade – a respeito das motivações e dos impactos da sua decisão de deixar de utilizar a pílula anticoncepcional. Como método, investigamos as narrativas juntamente com as orientações das últimas tendências antropológicas da “etnografia multissituada” e da “ciberetnografia”.

Nossa hipótese é que deixar de usar a pílula anticoncepcional possibilita criar “contracondutas” (FOUCAULT, 1978) aos saberes médicos, farmacológicos e ao controle político do gênero e da sexualidade, ressignificando noções sobre o corpo e a sexualidade das mulheres. Como essas mulheres afirmam que seus corpos “funcionam” sexualmente sem a interferência de hormônios sintéticos? O que suas narrativas mostram a respeito dos

significados do uso da pílula anticoncepcional e em que medida essas ressignificações podem ser frutos de uma mudança no papel do prazer na vida das mulheres? Que tipo de empoderamento o abandono do uso da pílula sugere? Quais são as mudanças nas relações de poder entre homens e mulheres desencadeadas pela decisão de deixar de tomar a pílula? Essas mulheres estão se vendo como sujeitos capazes de tomar decisões sobre si e que estão possivelmente colocando o seu prazer em primeiro lugar em relação ao prazer do parceiro?

Na tentativa de evitar filhos, as mulheres evitavam também o prazer devido aos possíveis efeitos da pílula. Usar ou não usar outros métodos contraceptivos modifica a dinâmica de poder na relação heterossexual entre mulheres e homens, tornando-os muito mais evidentes, pois para que a mulher possa deixar de tomar a pílula e continuar tendo prazer, ela terá que negociar os métodos contraceptivos na relação com o seu parceiro.

## **ETNOGRAFIA VIRTUAL**

Buscamos na abordagem adaptativa da etnografia para a Internet de Christine Hine (2015), que aqui chamamos de ciberetnografia “E<sup>3</sup>”: “embedded, embodied, everyday internet” a orientação metodológica para este trabalho. Embedded ou “internet incorporada” significa pensar a Internet como um fenômeno que se incorpora à vida das pessoas, imprevisível e diversa, exigindo do etnógrafo agilidade metodológica e mobilidade de foco. Embodied ou “internet encorporada”<sup>4</sup> quer dizer que a Internet se tornou parte dos corpos, ou seja, uma extensão dos nossos corpos: estar “online” não é só uma forma de vivenciar a Internet, mas de “ser” e “estar” no mundo. Everyday internet ou “cotidiano online” quer dizer que a Internet é uma tecnologia que faz parte do cotidiano das vivências humanas. Acreditamos que a Internet é também o cotidiano das pessoas. Nesse sentido, o ciberespaço requer ferramentas metodológicas adaptadas à sua complexidade, um lugar em que os eventos podem se desenvolver e passar rapidamente, de pequenos e insignificantes para massivos e repentinos, envolvendo combinações imprevisíveis de diferentes formas de interação, testando a capacidade do etnógrafo de se mover rapidamente, reconhecer e capturar esses dados (HINE, 2015, pp. 14-18).

---

<sup>4</sup> Preferimos o termo “encorporar” visto que “encarnar” e “incorporar” não são adequados para expressar o sentido pretendido. Conforme proposto por Viveiros de Castro (1996, p. 138). In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo, 1996. “Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio”. *Mana*, 2(2): 115-144

Situamo-nos também entre o debate atual sobre a etnografia no ciberespaço (ESCOBAR, 1994; RIFIOTIS, 2014; RIFIOTIS e SEGATA, 2016). Optamos por utilizar o termo “ciberespaço” para definir um contexto específico da ação humana em que a comunicação é mediada pela Internet (RIFIOTIS, 2014; RIFIOTIS e SEGATA, 2016). Entretanto, enfatizamos o caráter heurístico dessa separação, pois, no cotidiano das relações humanas, essa separação se ofusca, ficando difícil separar o “humano” do “virtual”. Nesse sentido, o corpo humano pode ser entendido como uma extensão do ciberespaço (e vice-versa), ou seja, os corpos individuais passam a funcionar como uma extensão das tecnologias globais de comunicação (PRECIADO, 2018; HARAWAY, 1991).

O ciberespaço e o mundo social interagem simultaneamente, preservando caracteres e nuances simbioticamente organizados. As narrativas, mesmo que comercializáveis e comercializadas, ainda são narrativas, e mais, tornam a ciberetnografia multifacetada e “multissituada” (MARCUS, 2015). Dessa maneira, a interação simultânea e simbiótica que envolve o ciberespaço torna a perspectiva da “etnografia multissituada” de Marcus (2015) valiosa para acompanhar a complexidade e a imprevisibilidade dos eventos nas redes sociais; aumentando as possibilidades de observação e participação e, por consequência, de contextualização e interação sincrônica em níveis micro e macro socioculturais. Também possibilita a investigação em seus aspectos interdisciplinares (tecnológicos, científicos, biológicos, químicos, culturais e políticos) do ciberespaço e das questões de gênero e da sexualidade que envolvem o uso da pílula anticoncepcional.

Para analisar as narrativas das youtubers, partimos das contribuições de Kofes (2015), para quem a narrativa “encontra-se com a etnografia ao marcarmos para a antropologia a experiência da alteridade”, “ambas orientadas em sua atenção aos contextos de relações, às concepções, por uma atitude que não procura encaixar o objeto em categorias externas, mas extrair as construções com as quais operam os agentes em seus campos semânticos próprios” (KOFES, 2015, p. 37). Isto é, as narrativas também podem ser analisadas como fonte de informação que ultrapassa a experiência do sujeito que fala e como evocação da transmissão interpretativa e subjetiva do sujeito; e, como reflexão sobre a experiência vivida. Desse modo, buscamos entender as youtubers como narradoras da sua própria história, produtoras de suas próprias biografias e, conseqüentemente, do contexto sociocultural mais amplo em que fazem parte.

## A PRODUÇÃO DOS SUJEITOS

Margaret A. McLaren (2016) argumenta que “Foucault e a ética do cuidado feminista concordam que o sujeito é socialmente constituído através de uma rede de discursos, instituições e práticas, mas as suas visões de si e do social são fundamentalmente diferentes” (MCLAREN, 2016, p. 106). Segundo McLaren (2016, p. 106), “as preocupações feministas relativas ao sujeito de Foucault são deslocadas”, pois Foucault, “rejeita apenas formas particulares de subjetividade, isto é, o sujeito humanístico e seu sucessor no existencialismo”. McLaren (2016) também defende que Foucault “está certo em rejeitar essa noção de sujeito porque ele é abstrato, atomístico, racionalista e descorporificado”, assim como as feministas que também rejeitam as “concepções descorporificadas, atomísticas e racionalistas do sujeito” (MCLAREN, 2016, p. 106). Apesar do viés masculinista na ética do cuidado de si, Foucault contribui ricamente com uma análise do poder e uma crítica implícita da dominação que é útil à exploração das assimetrias do poder entre indivíduos e grupos, bem como um exame das formas em que o poder molda a subjetividade.

Foucault (1985; 1987; 1988; 1998) trabalha com a noção de “estética da existência” voltada para os “sujeitos masculinos nas sociedades elitistas e dominadas pelo homem na Grécia e Roma clássicas ignorando desigualdades de gênero e classe” (MCLAREN, 2016, p. 106), em que, somente “homens livres se tornam sujeitos éticos através do cuidado de si” (MCLAREN, 2016, p. 106); por outro lado, Foucault (1985; 1987; 1988; 1998) torna visível a “construção da masculinidade e desnaturaliza o sujeito como masculino”; ou seja, “uma genealogia do sujeito masculino não impede uma genealogia do sujeito feminino” (MCLAREN, 2016, p. 106), nesse sentido, investigar a “constituição do sujeito feminino podem levantar importantes questões sobre as condições sob as quais as mulheres se tornam constituídas como sujeitos” (MCLAREN, 2016, pp. 106-107).

O corpo torna-se, de acordo com McLaren (2016), o lócus de resistência e subjetividade centrais para a teoria feminista contemporânea. O corpo também tem um papel central para Foucault (FOUCAULT, 1985; 1987; 1988; 1998), cuja relação com a teoria feminista pode ser resumida em: “ambos rejeitam o dualismo mente/corpo, ambos veem o corpo como um local de luta política, e ambos têm o corpo como central para a subjetividade e para a ação” (MCLAREN, 2016, p. 110). Seguindo essa orientação, as

feministas têm problematizado as práticas disciplinares e os micropoderes para investigar a construção da feminilidade. McLaren (2016, p. 112) conclui sua revisão feminista da “estética da existência” foucaultiana com a ideia de que “o corpo é tanto moldado através de práticas disciplinares normalizadores quanto resiste a essas mesmas práticas”; Segundo McLaren (2016, p. 112), ao enfatizar “o papel das normas sociais na moldura do corpo e na constituição da subjetividade” Foucault abriu portas para se pensar essas mesmas ideias como desestabilizadoras e enfraquecedoras das normas de gênero, esclarecendo, “o poder das normas sociais e as possibilidades de resistência” (MCLAREN, 2016, p. 112) .

Paul B. Preciado (2018) e Donna Haraway (1991) parecem como alternativas interessantes para fundamentar nossa investigação. Preciado (2018), em *Testo Junkie – livro no qual descreve sua intoxicação voluntária à base de testosterona –*, elaborou, a partir das noções de “somatopoder”, “biopolítica” e “tecnologias políticas do corpo” de Foucault (1987; 2008; 2011) e “performance” de Judith Butler (2003), um modo de pensar a pílula anticoncepcional como parte de uma plataforma farmacopornográfica de produção do corpo e da sexualidade das mulheres cis. O termo farmacopornográfico “se refere aos processos de governo biomolecular (fármaco-) e semiótico-técnico (-pornô) da subjetividade sexual, dos quais a Pílula e a Playboy são dois resultados paradigmáticos (PRECIADO, 2018, p. 36). Nesse contexto, surge um “sujeito hormonal” cujo corpo pode ser pensado como um sistema de biocomunicação em que o hormônio tem a capacidade de modificar um órgão por meio da emissão de informação biocodificada. Ao pensar o hormônio como teletransmissor, Preciado (2018, p. 172) sugere uma nova concepção de poder e de sujeito distinta da concepção foucaultiana de mecanismo disciplinares:

O corpo moderno biopolítico, como sugeriu Foucault, não é mais uma superfície unidimensional em que o poder, a lei e a punição serão inscritos, e sim uma interioridade densa em que a vida, e também o controle político, ocorre sob a forma de troca, tráfego e comunicação. Se o biopoder tem que ir para dentro e através dos corpos (passer à l' intérieur du corps), o espaço do corpo tem que ser estendido, inflado, aberto e ampliado para se tornar um sistema de comunicação.

Para Preciado (2018), o corpo não é só um meio de transmissão, distribuição e coleta de informação e poder, mas também efeito material dessa interconexão. Estamos diante de uma nova compreensão do espaço e do corpo, do poder e do sujeito, de sujeição e da subjetivação em que os discursos e práticas farmacopornográficos acabam

convertendo os conceitos de psiquismo, libido, consciência e feminilidade em substâncias químicas comercializáveis operadas por meio de tecnologias biomoleculares (como é o caso da pílula anticoncepcional) e de dispositivos microprotéticos (implantes hormonais subcutâneos), desenvolvendo, ao mesmo tempo, símbolos, afetos, reações químicas e desejos. Desse modo, inventam-se sujeitos que adquirem reconhecimento político em determinado contexto cultural e os reproduzem em escala global.

O sucesso da indústria tecnocientífica contemporânea consiste em transformar nossa depressão em Prozac, nossa masculinidade em testosterona, nossa ereção em Viagra, nossa fertilidade ou esterilidade em Pílula, nossa aids em triterapia, sem que seja possível saber quem vem primeiro: a depressão ou o Prozac, o Viagra ou a ereção, a testosterona ou a masculinidade, a Pílula ou a maternidade, a triterapia ou a aids. Esse feedback performativo é um dos mecanismos do regime farmacopornográfico (PRECIADO, 2018, p. 37).

Preciado (2018, p. 235) argumenta que as biopolíticas e as biotecnologias geridas pela plataforma farmacopornográfica estão sob a ótica de um mercado farmacêutico em que as micropílulas desenvolvem práticas heterossexuais de alta tecnologia, aumentando a visibilidade das mulheres nos espaços públicos e tornando a pílula anticoncepcional a molécula farmacêutica mais usada na história da humanidade. Quando Donna Haraway (1991, p. 208) diz que “Bodies, then, are not born; they are made”, ela nos inspira a investigar como os corpos das mulheres são feitos para além do poder sobre a vida. Como sugeriu Foucault (1987; 2011), Haraway (1991) se refere ao poder sobre um “tecnovivo”, o “tecnobiopoder”: assim como Simone de Beauvoir (2009) insistiu que não se nasce mulher, no terreno da epistemologia política pós-moderna podemos dizer que, assim como não se nasce mulher, também não se nasce um organismo: os organismos são feitos. Os corpos e organismos constituem-se em suas especificidades históricas, singularidades, efetividades, práticas, engajamentos e intervenções (HARAWAY, 1991, p. 208).

Desse modo, este trabalho faz interfaces com os estudos recentes que discutem a importância do crescimento do movimento de contestação dos contraceptivos hormonais nas redes sociais (KLÖPPEL, 2017; SANTOS, 2018), o uso da pílula e a invenção da feminilidade (BAKER e LEAL, 2017; MANICA e NUCCI, 2017; MANICA, 2009; 2011; NUCCI, 2012). De acordo com Manica e Nucci (2017, p. 122), a pílula anticoncepcional “pressupõe, e (re) constitui, a feminilidade dos corpos das mulheres cis, cuja

heterossexualidade tem efeitos reprodutivos que os hormônios sintéticos foram convocados a resolver”. As autoras argumentam que a pílula anticoncepcional, por ser utilizada por mulheres saudáveis, se aproxima do conceito de “drogas de estilo de vida”, cujo objetivo não seria tratar de uma doença ou patologia em si, mas em “aprimorar determinadas performances ou aparências corporais e tratar problemas que poderiam dificultar as vidas das pessoas” (MANICA e NUCCI, 2017, p. 111). Por outro lado, as autoras observam que, no Brasil, vem ocorrendo movimentos que resistem aos hormônios contraceptivos (ou qualquer outra técnica contraceptiva que interfira no ciclo fértil feminino) enfatizando a “valorização da experiência da menstruação” (MANICA e NUCCI, 2017, p. 114). Com efeito, nossa investigação concentra-se no movimento de abandono do uso da pílula anticoncepcional por meio das narrativas publicadas no Youtube pelas jovens que pararam de usar a pílula anticoncepcional. Buscaremos compreender o que essas narrativas mostram a respeito das mudanças dos significados do uso desse fármaco e em que medida essa mudança é fruto de uma transformação no papel do “prazer” na vida das mulheres.

## **AS YOUTUBERS**

Nosso material consiste nas narrativas publicadas no Youtube por mulheres jovens, cis, entre 24 e 30 anos de idade, a respeito das motivações e dos impactos da sua decisão e experiência de deixar de utilizar a pílula anticoncepcional. O Youtube conta com mais de 1 bilhão de usuários, o que representa quase um terço do toda a internet. Seu público alvo tem entre 18 e 34 anos de idade e abrange mais de 91 países e 80 idiomas, e tem em torno de 1 bilhão de horas assistidas por dia. No Brasil, segundo o estudo Video Viewers Press Event – Brandcast 2017,<sup>5</sup> o Youtube representa um novo tipo de “consumo de massa”, “onde as vozes se tornam mais fortes”. Mas o que isso significa para os brasileiros? 7 entre 10 brasileiros dizem que o Youtube “reflete a diversidade ao seu redor”, “um lugar onde qualquer pessoa pode ter uma voz ou uma opinião” e que tem um “impacto positivo nas suas vidas”; 6 entre 10 brasileiros dizem que o Youtube tem um “impacto

---

<sup>5</sup> Fonte: [<https://drive.google.com/file/d/0B7Qk1E0wjv-ASUNsNWJnUEtWNFE/view>]. Acesso em jul. 2019.



positivo na sociedade”; 5 entre 10 “se sentem parte de um grupo ou comunidade” quando assistem vídeos no Youtube.

O Youtube seria, portanto, um lugar onde as narrativas das mulheres sobre a experiência com a pílula anticoncepcional constituiriam um caráter singular: as narrativas são construídas pelas imagens, pelos vídeos, sob a forma de memórias. Também se apresenta o problema de que os conteúdos das narrativas são intencionais. As youtubers falam porque existe uma demanda, as internautas demandam o que se espera ser falado; as youtubers esperam “visualizações”, “curtidas” e “inscrições” no seus canais (o Youtube pontua financeiramente as youtubers de acordo com o número de visualizações, curtidas e inscrições nos seus canais). A temática da experimentação da pílula anticoncepcional não é espontânea e faz parte de uma gama diferenciada de assuntos evocados pelas “youtubers” (essa interação pode ser observada pelos comentários das internautas).

Selecionamos para o pré-campo 26 mulheres, youtubers, pela busca “parei de usar anticoncepcional”, seguindo as sugestões dadas pelo algoritmo “deep learning” do Youtube (algoritmo performativo de aprendizado) que recomenda os vídeos segundo o critério de maior número de visualizações. Utilizamos a técnica “follow the voice” ou “seguindo as vozes”, conforme proposto por Marcus (2015). Ressaltamos que, conforme demonstraram pesquisas recentes sobre a contestação da pílula anticoncepcional nas redes sociais, “o perfil de mulheres do grupo congrega uma população específica: mulheres majoritariamente jovens, brasileiras residentes nas regiões sul e sudeste, escolarizadas, com acesso à informação/internet/redes sociais na segunda década do século XXI [...]. (SANTOS, 2018, p. 131).

Os trechos abaixo compilam a apresentação que as youtubers fazem de si mesmas e do conteúdo dos seus vídeos; contêm os erros de grafia, os caracteres especiais, as indicações de fontes e outras redes sociais em que atuam:

Oi meninas! Nesse vídeo dividi com vocês o que mudou na minha vida depois que parei de tomar pílula anticoncepcional. Passei 10 anos da minha vida tomando pílula e ter parado de tomá-la foi uma libertação! Uma experiência incrível de auto conhecimento e respeito por mim mesma. Com este vídeo não quero exatamente incentivar você a parar de tomar pílula, apenas contar como tem sido minha vida, vantagens e desvantagens, quando parei e resolvi ser eu mesma, livre dos efeitos dos hormônios sintéticos. Se você parou recentemente de tomar pílula, deixe seu depoimento aqui nos comentários pra que as meninas que chegarem aqui tenham ainda mais histórias para apoiá-las e ajudá-las a tomar a

decisão certa. Da mesma forma, se você tem dúvidas, pergunte e responderei assim que possível!.

♥ PASSE O DIA COMIGO NO INSTAGRAM: ♥ Instagram:

<https://instagram.com/vivilemes7> ♥ Vídeo da Mari sobre SOP:

[https://www.youtube.com/watch?v=mN\\_p\\_...](https://www.youtube.com/watch?v=mN_p_...)”. (Vivi).<sup>6</sup>

No vídeo deste domingo eu conto por que decidi parar de tomar a pílula anticoncepcional depois de 8 anos de uso. Algumas fontes para consulta Como funciona o anticoncepcional no organismo?

↪ <https://www.donagiraffa.com/2012/06/c...> Causas da candidíase

↪ <http://www.minhavidacom.br/saude/tem...> Os vídeos novos vão

ao ar aos domingos, às 15h (sempre que dá). Tenho 25 anos, sou estudante de Direito (7/10), professora de Inglês, dona de casa, namorada e mãe de dois gatos. ♥. (Enoá).<sup>7</sup>

Tomei anticoncepcional por 8 anos e resolvi parar de vez. Como muitas mulheres passam por essa situação, resolvi contar como está sendo minha experiência sem a pílula. Gostou? Comenta aqui em baixo sua opinião! Me siga nas redes sociais: Instagram- @leticiacecato Quer anunciar aqui? [socialmidialc@gmail.com](mailto:socialmidialc@gmail.com). (Letícia).<sup>8</sup>

Interpretamos “experiências” tal como proposto por Kofes (2015, p. 35): levando “em conta nas experiências narradas a ação e o agente”, “uma relação entre quem narra e quem é afetado pela narrativa”. Foi seguindo essas narrativas que surgiu nossa hipótese, a qual sugere que deixar de usar a pílula anticoncepcional coloca em prática “contracondutas” à plataforma farmacopornográfica, aos saberes biomédicos e farmacológicos e ao controle político do gênero e do sexo, ressignificando as noções sobre o corpo e a sexualidade dessas jovens; sugerindo mudanças na construção das subjetividades e nos tipos de “estéticas da existência”, ou seja, no tipo de vida que elas constroem.

Em nosso primeiro levantamento de dados, encontramos narrativas que giram em torno dos inconvenientes e pontos positivos de parar de tomar a pílula anticoncepcional, descrevendo efeitos físicos, percepções e sensações:

---

<sup>6</sup> Fonte: Youtube. “Parei de tomar anti: o que aconteceu? ♥Vivi Lemes”.

[<https://www.youtube.com/watch?v=E2ib5saDLHw>]. Publicado em 19 de Outubro de 2016. Acesso jul 2019.

<sup>7</sup> Fonte: Youtube. “Por que parei de tomar anticoncepcional?”.

[<https://www.youtube.com/watch?v=MSOEPTOnliU>]. Publicado em 20 de maio de 2018. Acesso jul. 2019.

<sup>8</sup> Fonte: Youtube. “Parei com o anticoncepcional”. [<https://www.youtube.com/watch?v=df87JUIJHYE>]. Acesso jul. 2019.

Eu acho que toda mulher que para de tomar o anticoncepcional ela relata que tinha esse problema, eu não sou da área da saúde nem nada, mas eu vou tentar explicar de acordo com o que eu pesquisei sobre o anticoncepcional: ele meio que engana o seu organismo, fazendo com que o organismo pense que você está grávida, então isso gera uma estabilização hormonal, você não tem variações, picos e tal. Assim como acontece a inibição da ovulação, e por conta dessa estabilização hormonal aí você fica sem apetite sexual. Ponto. (Enoá).<sup>9</sup>

Eu passei esses anos todos achando que eu tinha algum problema com libido, eu cheguei a ir num psiquiatra pra tentar descobrir qual era o problema com libido que eu tinha, que ela era quase inexistente. [...]. Depois que você para de tomar a pílula você vai entender do que eu tô falando. [...]. É engraçado como tudo agora parece mais interessante sabe, as coisas parecem mais interessantes, as pessoas parecem mais bonitas, a vida parece mais colorida, eu tenho mais ânimo pela vida hoje, de verdade, eu sou mais criativa, eu tenho mais ideias. [...]. A pílula apagava isso de mim, ela me tirava um pouco fora disso, eu ficava desinteressada pelas coisas e também não conseguia perceber os meus sinais, que eles estavam apagados, não tinham sinais para perceber. (Vivi).<sup>10</sup>

Apesar dos inconvenientes enumerados pelas youtubers após a pausa da pílula, entre eles, oleosidade da pele, inchaço, cólicas, ciclo menstrual desregulado e espinhas, essas mulheres também relatam uma sensação de estar no comando do próprio corpo juntamente com a percepção de como um corpo pode “funcionar” sexualmente sem a interferência de hormônios sintéticos, enfatizando a “libido” como motivador sobre a decisão de abandono do uso da pílula.

O caso da youtuber Gabi é um exemplo. A jovem relata que começou a tomar a pílula aos 14 anos e fez uso dela durante 7 anos. Conta que começou a tomar o anticoncepcional por recomendação de uma ginecologista e que considera ter sido uma prática desnecessária:

Eu menstruei bem novinha e, aí, quando eu tinha 14 anos de idade, eu tinha um fluxo muito grande, ficava muitos dias menstruada, sentia muita cólica menstrual e a minha menstruação ainda era bastante desregulada.

---

<sup>9</sup> Fonte: Youtube. “Por que parei de tomar anticoncepcional?”. [https://www.youtube.com/watch?v=E2ib5saDLHw]. Acesso jul. 2019.

<sup>10</sup> Fonte: Youtube. “Parei de tomar anti: o que aconteceu? ❤️Vivi Lemes”. [https://www.youtube.com/watch?v=MSOEPT0nliU]. Acesso jul. 2019.

E aí, então, em uma consulta ginecológica, a minha então ginecologista receitou que eu começasse a tomar anticoncepcional [...]. Eu comecei a tomar anticoncepcional, portanto, antes de iniciar a minha vida sexual e, hoje, com as informações que eu tenho, com tudo o que eu sei, a minha opinião é que eu comecei a tomar anticoncepcional de maneira totalmente desnecessária. (Gabi).<sup>11</sup>

Ao longo de sua narrativa, relata as modificações em seu corpo com o uso da pílula, o que fez com que começasse a questionar o uso do medicamento e decidir parar de tomá-lo por um tempo.

Depois de 7 anos, o meu organismo já estava bastante acostumado, a menstruação vem só naqueles dias de pausa. É uma questão bastante cômoda, inclusive [...]. Acontece que eu comecei a notar coisas bastante esquisitas, por exemplo, ter dores de cabeça sem explicação, comecei a ter, inclusive, enxaqueca, eu comecei a ter insônia sem motivo aparente, eu comecei a notar uma queda muito grande na minha libido também, sem motivo aparente. (Gabi).<sup>12</sup>

Ao narrar o período em que parou de fazer uso da pílula anticoncepcional, Gabi revela uma modificação subjetiva que envolve o entendimento de um melhor conhecimento sobre o próprio corpo:

Eu só notei que eu fiquei muito melhor sem o anticoncepcional [...]. E para além de todas essas mudanças físicas que foram o principal motivo de eu ter parado de tomar o anticoncepcional, eu preciso compartilhar com vocês que isso trouxe um conhecimento sobre mim mesma e os meus ciclos [menstruais] muito profundo. Você tem uma percepção de quando você está no período fértil e de quando você não está no período fértil, entender o seu ciclo menstrual, entender inclusive todas as alterações no meu humor e no meu bem estar seguindo de acordo com o meu ciclo menstrual foi muito rico pra mim. Foi uma coisa muito incrível. [...]. E, gente, como é incrível conhecer o meu corpo nessa medida. Como é incrível ter essa percepção sobre mim mesma, sobre o meu corpo, sem nenhuma influência de hormônios artificiais. (Gabi).<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> Fonte: Youtube. “Parei de tomar anticoncepcional – minha experiência”.  
[<https://www.youtube.com/watch?v=jZWnmLM0psU&t=507s>]. Acesso maio 2019.

<sup>12</sup> Fonte: Youtube. “Parei de tomar anticoncepcional – minha experiência”.  
[<https://www.youtube.com/watch?v=jZWnmLM0psU&t=507s>]. Acesso maio 2019.

<sup>13</sup> Fonte: Youtube. “Parei de tomar anticoncepcional – minha experiência”.  
[<https://www.youtube.com/watch?v=jZWnmLM0psU&t=507s>]. Acesso maio 2019.

Outro caso é o vídeo “Parei com o anticoncepcional” da youtuber Letícia. A youtuber relata que tomou anticoncepcional durante 9 anos para regular o ciclo menstrual, diminuir as cólicas e o inchaço e para ter relações sexuais sem medo de engravidar:

Eu nunca me sentia inchada, meu ciclo era certinho. Quando eu queria emendar, eu emendava. Nunca tive medo de engravidar [...] sabia de sua eficácia (da pílula anticoncepcional) e também não sentia que a minha libido estava reduzida, mas como eu comecei a tomar o anticoncepcional virgem, eu não tinha noção o que era libido [...]. Eu não tinha parâmetro anterior [...]. Eu posso dizer que a minha libido foi afetada e que percebi isso esse ano, 2018, com 26 anos. (Letícia).<sup>14</sup>

Letícia explica por que parou de tomar anticoncepcional e lembra que passou por uma fase de resistência à ideia de interromper a autoadministração da pílula por receio das consequências, que ela sempre associa às “espinhas” e ao “medo de engravidar”. No entanto, com o fim do namoro Letícia começou a perceber seu corpo de outra forma:

Eu comecei a reparar que minha aptidão sexual simplesmente não existia. Eu estava vivendo minha vida assexuadamente [...]. Se eu ficasse com alguém e essa pessoa me instigasse, talvez eu sentiria vontade de ter relação sexual, mas eu, no meu dia-a-dia, na minha rotina, trabalhando como eu estava, eu não parava para pensar em sexo, por exemplo. Eu estava super tranquila, não sentia falta. Aí eu pensei: “essa não é a Letícia que eu conheço”. (Letícia).<sup>15</sup>

Na sequência de sua narrativa, Letícia relata que superou a “insegurança” e o “medo de engravidar”: “passei por cima desse medo e de toda essa dependência desses longos anos com anticoncepcional e parei de tomar”.

Ao parar de tomar a pílula anticoncepcional, a narrativa de Letícia revela outra forma de compreender seu corpo e a sua sexualidade: “Eu tive uma TPM do século [...] a libido sinistra, tinha dia que eu estava com muita libido, tinha dia que não, então foi uma gangorra”. A seguir, destaca outras percepções sobre seu corpo:

---

<sup>14</sup> Fonte: Youtube. “Por que parei de tomar a pílula anticoncepcional?”. [https://www.youtube.com/watch?v=MSOEPT0nliU]. Acesso jul. 2019.

<sup>15</sup> Fonte: Youtube. “Por que parei de tomar a pílula anticoncepcional?”. [https://www.youtube.com/watch?v=MSOEPT0nliU]. Acesso jul. 2019.

Segundo mês, libido top [...]. São sensações que eu não sentia a muito tempo. Quando você namora, você não percebe porque o seu parceiro tá ali do seu lado te instigando e quando alguém te instiga tudo funciona. Mas e sem te instigar? você funciona sozinha? [...] essa foi a diferença que eu senti, libido sensacional. (Letícia).<sup>16</sup>

Outro caso é o vídeo de Carla, “Por que parei o anticoncepcional – vantagens e desvantagens”. Carla diz que começou a tomar a pílula anticoncepcional em 2009, aos 17 anos, porque sentia fortes cólicas menstruais e sempre ouvia suas colegas dizerem que o anticoncepcional diminuía as espinhas, as cólicas, regulava o fluxo menstrual, etc. Carla conta as vantagens em tomar a pílula:

Minha pele melhorou demais, a questão do fluxo também deu uma boa reduzida, a minha menstruação veio por anos certinho, era eu parar o comprimido, dois ou três dias minha menstruação descia e termina no prazo certo, a questão da cólica deu uma diminuída também. [...]. sério eu só via mil maravilhas na questão do anticoncepcional. [...]. até que se passaram sete anos, e dentre esses sete anos eu troquei de anticoncepcional umas três vezes. (Carla).<sup>17</sup>

Por outro lado, Carla relata as desvantagens em tomar a pílula:

Eu comecei a reparar algumas coisas em mim que eu não sentia antes. Eu comecei a reparar que eu estava muito inchada, comecei a reparar que as minhas pernas doíam demais. [...]. outras coisas que começaram a me incomodar demais foi a questão das varizes, eu nunca tive problemas com varizes, até que antes de uns dois meses antes de parar com o comprimido eu comecei a sentir as minhas arderem e por vezes eu tinha que dormir com as pernas levantadas. [...]. eu comecei a ficar preocupada com a questão da libido, porque eu sempre fui assim né, sempre gostei do negócio, e de repente a coisa começou a ficar mais fria e por algum tempo eu pensei que o problema fosse meu relacionamento, mas não, o problema era comigo. (Carla).<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> Fonte: Youtube. “Por que parei de tomar a pílula anticoncepcional?”. [https://www.youtube.com/watch?v=MSOEPT0nliU]. Acesso jul. 2019.

<sup>17</sup> Fonte: Youtube. “Por que parei o anticoncepcional – vantagens e desvantagens”. [https://www.youtube.com/watch?v=IW7tpkTC5GU]. Acesso Set. 2019.

<sup>18</sup> Fonte: Youtube. “Por que parei o anticoncepcional – vantagens e desvantagens”. [https://www.youtube.com/watch?v=IW7tpkTC5GU]. Acesso Set. 2019.

Em uma conversa com uma amiga, Carla relata que foi levada a repensar o uso da pílula e interromper seu uso. As consequências estéticas e a renegociação com os parceiros sexuais sobre qual método contraceptivo usar figura em quase todas as narrativas observadas, principalmente, porque a camisinha é vista como a primeira alternativa e envolve o compartilhamento da responsabilização entre ambos.

Até que um dia eu encontrei uma amiga minha e ela comentou comigo que depois de nove anos ela tinha parado de tomar o anticoncepcional e que ela tava se sentindo outra mulher. Ela falou que realmente tudo melhorou na vida dela, eu fiquei com aquilo dentro de mim e eu botei numa balança por que que eu tomo anticoncepcional atualmente.

O primeiro quesito foi a questão do costume, muito acostumada e com medo do que seria a minha vida sem o anticoncepcional. [...]. que eu ia voltar a ter aquele fluxo imenso, que eu ia ter aquela cólica desgraçada, que as minhas espinhas iriam voltar, eu só pensava nos contras que aquilo iria me trazer. [...] pensava também na questão nossa eu vou te que botar um diu ou então acrescentar a camisinha no meu relacionamento. [...]. fiquei assim numa dúvida imensa. [...]. eu pensei bem e vi que o anticoncepcional não tava me fazendo bem. [...]. foi aí que marquei ginecologista e naquela conversinha ele disse pra mim terminar minha cartela e ficar uns dois meses sem anticoncepcional e ver como eu me sentiria. (Carla).<sup>19</sup>

Carla relata como foi os primeiros meses depois interromper o uso da pílula:

Beleza, terminou a cartela veio a menstruação tudo normal como sempre foi, daí começou a primeira semana sem o anticoncepcional. A primeira, a segunda e terceira semana foi treva eu fiquei num mau humor, tudo me estressava, parecia que eu vivia numa TPM esses dias todos sabe. [...] mas eu tinha comigo que não seria algo tão fácil, afinal meu corpo recebendo aquele hormônio durante 7 anos. [...]. daí do dia para a noite parar e what? Mas eu botei na minha cabeça que eu iria continuar e não iria desistir. [...]. daí veio a quarta semana, já estava com medo do meu primeiro fluxo. [...] foi muito surpreendente. [...] gente, veio três dias minha menstruação, e não veio assim muito, veio uma coisa normal, mas junto ali com a menstruação veio umas espinhas e elas não me abandonaram mais ,depois disso, a minha pele realmente ficou mais oleosa, as espinhas também voltaram a acompanhar, também não é nada que atrapalha minha vida. (Carla).<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> Fonte: Youtube: “Por que parei o anticoncepcional – vantagens e desvantagens”. [https://www.youtube.com/watch?v=IW7tpkTC5GU]. Acesso Set. 2019.

<sup>20</sup> Fonte: Youtube: “Por que parei o anticoncepcional – vantagens e desvantagens”. [https://www.youtube.com/watch?v=IW7tpkTC5GU]. Acesso Set. 2019.

As mudanças nas percepções e sensações que figuram as outras narrativas observadas também são destacadas por Carla, inclusive, a ênfase na libido.

Porque gente, depois do primeiro mês, o segundo mês veio assim só alegria. [...]. a questão do humor no segundo mês começou a melhorar, outra coisa que eu notei é que eu desinchei, e o melhor a dor nas pernas, aquele peso passou. [...]. a melhor parte, a libido meus amores. [...]. voltei a ser quem eu era antes e ainda melhor. Quando eu parei de tomar o comprimido eu conversei com o Bruno (parceiro) e disse: ó vou parar temos que nos cuidar, ele aceitou numa boa. O Bruno é um pessoa que sempre viu no meu bem estar primeiro, ele sabia que o comprimido estava me fazendo mal, [...] então partiu, tchau comprimido e chega pra cá camisinha, vamos ter um relacionamento, por mais que eu e ele tenhamos confiança muito um no outro, a camisinha não se tornou nenhum tipo de objeto de desconfiança. Muito pelo contrário, a coisa acontece muito naturalmente gente. [...]. a camisinha é só um detalhe muito importante na relação, tão importante que decidi não colocar o DIU. [...] estou a caminho do quarto ciclo, eu sou uma mulher diferente, realmente eu sou uma outra pessoa. [...] o que eu tenho a dizer é que esses meses sem o comprimido anticoncepcional eu me descobri uma outra pessoa, uma pessoa mais feliz, uma pessoa com menos dor (Carla).<sup>21</sup>

O último caso analisado para este artigo é o da youtuber Juliana, que também compartilhou um vídeo contando sua experiência com a pílula: “Queda de cabelo, falta de libido - parei com o anticoncepcional”. Juliana conta que fez uso da pílula anticoncepcional dos 18 aos 25 anos de idade e que pensou muito para gravar o vídeo, pois assuntos considerados “íntimos” pela youtuber não faziam parte da sua rotina nos vídeos. Relata ter considerado importante compartilhar sua experiência uma vez que descobriu que não era a única a sofrer os efeitos negativos da pílula. Segundo seu relato, queria ajudar mais pessoas com sua experiência. Depois da exibição do vídeo, Juliana fez um segundo vídeo sobre o abandono do uso da pílula devido à repercussão, dúvidas e perguntas das internautas que acompanhavam seu canal.

Gente eu tô aqui pra ter um papo de amiga mesmo, eu nunca fiz um vídeo assim tão pessoal no canal, mas hoje eu estou disposta a falar pra vocês sobre anticoncepcional, porque a experiência que eu tive pode ser o que

---

<sup>21</sup> Fonte: Youtube: “Por que parei o anticoncepcional – vantagens e desvantagens”. [https://www.youtube.com/watch?v=IW7tpkTC5GU]. Acesso Set. 2019.



é que vc ta passando agora. [...]. o meu intuito com esse vídeo é ajudar mais e mais pessoas. [...]. eu achava que não dava nada, não acontece nada, nenhuma reação, porém, agora que eu parei de tomar o remédio de vez é que eu vi que eu tinha muitos efeitos colaterais. (Juliana).<sup>22</sup>

Juliana também relata os problemas que enfrentou com a libido:

Eu venho tendo um problema muito sério com a libido. [...] e aí eu fui no meu ginecologista pra conversar com ele o que que estava acontecendo. [...]. eu achei que a culpa era minha. [...]. que eu não tava sentindo vontade de fazer nada, coisa nenhuma. Ele passou uma bateria de exames e devido ao anticoncepcional maravilhoso que eu tomava minha taxa de testosterona tava lá embaixo, não existia, então mesmo você sendo mulher você precisa ter um pouco de testosterona no seu organismo pra você fazer as tuas coisas (sexo). [...]. eu percebi que eu sou uma pessoa que sente todos os efeitos colaterais que tem nessa pequena bula aqui (Juliana mostra a bula). [...]. o que mais veio me deixando incomodada durante todos esses anos foi realmente a falta de libido. Você não ter vontade, você ser casada e não ter vontade (vontade de fazer sexo). [...]. isso incomoda bastante, você pensa que a culpa é sua e você vai se deprimindo. [...]. poxa, qual é o meu problema e o problema nem tá em você. [...] eu passei por um período muito difícil assim, psicológico, não sei se foi só por causa do anticoncepcional, se teve mais desencadeamentos, mas que ele ajuda ele ajuda. (Juliana).<sup>23</sup>

Por fim, Juliana ressalta a sensação e a percepção de “ser outra pessoa” depois de ter interrompido o uso da pílula e destaca a reconsideração e a negociação de outros métodos contraceptivos com o parceiro sexual.

A mensagem deste vídeo é: se você toma anticoncepcional a muito tempo vá no seu ginecologista, faça todos os exames que você tem direito a fazer. [...]. pergunte pro seu ginecologista se você realmente precisa tá tomando anticoncepcional porque existe outros contraceptivos que a gente pode tá usando. Camisinha é uma delas. [...]. converse com seu parceiro também, a camisinha é um contraceptivo indolor que a meu ver que traz menos efeito colaterais e não tem perigo assim. [...]. agora que eu parei de tomar anticoncepcional eu percebi tanta diferença assim, sabe aquele ânimo de acordar mesmo, de viver e tudo. tá tudo diferente, sério. Eu recomendo muito que vocês façam o teste também. [...]. eu achei assim, sou outra pessoa agora. [...]. eu to aqui morrendo de vergonha porque eu sou vergonhosa. [...]. mas eu senti a necessidade de passar essa informação para mais alguém, não é possível que só eu que tô nessa

---

<sup>22</sup> Fonte. Youtube: “Queda de cabelo, falta de libido - parei com o anticoncepcional”. [https://www.youtube.com/watch?v=-luFIjsYxDY]. Acesso Set. 2019.

<sup>23</sup> Fonte. Youtube: “Queda de cabelo, falta de libido - parei com o anticoncepcional”. [https://www.youtube.com/watch?v=-luFIjsYxDY]. Acesso Set. 2019.

prisão do anticoncepcional, eu tenho que passar para as meninas (as internautas) também. (Juliana).<sup>24</sup>

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os dados e análises apresentados aqui fazem parte de uma pesquisa em andamento. Nos levam a pensar o uso da pílula como uma prática disciplinar cujos micropoderes atuam para uma construção de uma feminilidade desigual em relação aos homens. Entretanto, se pensarmos o corpo pela noção de “estética da existência”, ao mesmo tempo, em que são moldados pelas práticas disciplinares de construção de uma feminilidade, também resistem a esses micropoderes passando a desencadear um processo de subjetivação a partir da negação do uso da pílula. Ou seja, a construção do discurso de liberação sexual da mulher elaborado com a invenção da pílula tornou possível às mulheres repensarem o que significa essa liberação em termos de autonomia sexual e prazer feminino. Os efeitos inibidores do desejo sexual associados à pílula permitiram às mulheres ressignificarem o papel do prazer feminino e suas consequências sociais e políticas dentro do sistema “sexo-gênero” (RUBIN, 2007). As “contracondutas” aos saberes médicos e farmacológicos e suas práticas de controle e produção do sexo, do gênero e da sexualidade (condutas de sujeição) direcionadas aos corpos das mulheres através da pílula anticoncepcional são entendidas aqui como condutas que ensejam novas subjetivações. Talvez sejam os efeitos não previstos dos microdispositivos biomoleculares de sexualidade efetivados pela pílula que permitiram a resistência dessas mulheres enquanto “contracondutas”, ou seja, novas subjetivações, que também possibilitaram a produção de novas formas de “cuidados de si”. Os “cuidados de si” podem ser entendidos como práticas que essas mulheres escolheram para redirecionar suas condutas, que caracterizam novos modos de vida e de viver, ou seja, novas “estéticas da existência”.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AZEREDO, S. & STOLCKE, V., 199. Direitos Reprodutivos. São Paulo: Fundação Carlos Chagas.

---

<sup>24</sup> Fonte. Youtube: “Queda de cabelo, falta de libido - parei com o anticoncepcional”. [https://www.youtube.com/watch?v=-luFIjsYxDY]. Acesso Set. 2019.

BAKKER, Bruna; LEAL, Tatiane. A mulher bioquímica: a invenção do feminino a partir de discursos sobre a pílula anticoncepcional. *Reciis, Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, jul/set, pp. 01-15, 2017. e-ISSN 1981-6278.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-144, Oct. 1996.

FOUCAULT, Michel. “Aula de 1o. de março de 1978”, in: FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008, pp. 253-304.

\_\_\_\_\_. *Do governo dos vivos: Curso no Collège de France, 1979-1980*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade 1: a vontade do saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

HARAWAY, Donna J. *Simians, Cyborgs and Women: the reinvention of nature*. New York: Taylor & Francis Group, 1991.

HELANSKI, Juliane. “Anticoncepcional, sexualidade e subjetivação: autoetnografia de uma mulher sem qualidades”. In: XIII REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, ANTROPOLOGIAS DO SUL. Porto Alegre, 2019b. Trabalho completo NO PRELO.

\_\_\_\_\_. “Gestão tecnomolecular do corpo e da sexualidade das mulheres cis no ciberespaço: etnografia das jovens youtubers que fizeram uso da pílula anticoncepcional”. In: XII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER – Associação Brasileira dos Pesquisadores em Ciberultura. DEVIRES DA CIBERCULTURA: POLÍTICAS E PRÁTICAS. Porto Alegre, 2019a. NO PRELO.

HINE, Christine. *Ethnography for the Internet: embedded, embodied and everyday*. Bloomsbury Academic, 2015.

KLÖPPEL, Bruna. *Aparatos de produção subjetivo-corporais nas práticas de percepção da fertilidade*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

KOFES, Suely. *Narrativas biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser?*. In: *Vidas & Grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia*. KOFES, Suely; MANICA, Daniela (Org.). Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ, 2015.

KOFES, Suely. “Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites”. *Cadernos Pagu*(3), 1994: pp. 117-141.

KOFES, Suely; MANICA, Daniela (Org.). *Vidas & Grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia*. Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ, 2015.

MCLAREN, Margaret A. Foucault, feminismo e subjetividade. São Paulo: Intermeios, 2016.

MANICA, Daniela. *Contracepção, natureza e cultura: embates e sentidos na etnografia de uma trajetória*. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

\_\_\_\_\_. *A desnaturalização da menstruação: hormônios contraceptivos e tecnociência*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 17, n. 35, pp. 198-226, 2011.

MANICA Daniela; NUCCI Marina. *Sob a pele: implantes subcutâneos, hormônios e gênero*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 23, n. 47, pp. 93-129.

MUNDIGO, A. I. *Papéis Masculinos, Saúde Reprodutiva e Sexualidade, Conferência Internacional sobre População*. São Paulo: Fundação MacArthur, 1995.

NUCCI, M. *Seria a pílula anticoncepcional uma droga de “estilo de vida”?* Ensaio sobre o atual processo de medicalização da sexualidade. *Sexualidade, Saúde e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 124-139, 2012.

MARCUS, George. “Ethnography in the/of the World System. The emergence of multi-sited ethnography”. *Annual Review of Anthropology*, n. 24 (1995): 95-117.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Traduzido por Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RIFIOTIS, Theophilos. *Etnografia no ciberespaço como “repopoamento” e explicação*. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 31, n. 90, p. 85-98, fev. 2016. Disponível em: [[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010269092016000100085&lng=en&nr m=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269092016000100085&lng=en&nr m=iso)]. access on 13 July 2019. <http://dx.doi.org/10.17666/319085-98/2016>.

RIFIOTIS, Theophilos; SEGATA, Jean (org.). *Políticas etnográficas no campo da cibercultura*. Brasília: ABA Publicações; Joinville: Editora Letradágua, 2016.

RINGHEIM, Karin. *Whither methods for men? Emerging gender issues in contraception*. *Reproductive Health Matters*, 7:79-89, 1996.

RUBIN, Gayle. *Tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo*. In: *Políticas do sexo*. São Paulo: Ubu Editora, 2007.

SANTOS, Ananda Cerqueira Aleluia. *“Adeus hormônios”: concepção sobre corpos e contracepção na perspectiva de mulheres jovens*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

SANTOS, S. M. *Ométodo da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios*. *Plural*, v. 24, n. 1, p. 214-241, 30 ago. 2017.

## **FONTES**

Fonte: Youtube. “Parei com o anticoncepcional”.  
[<https://www.youtube.com/watch?v=df87JUIJHYE>]. Acesso jul. 2019.

Fonte: Youtube. “Por que parei de tomar anticoncepcional?”.  
[<https://www.youtube.com/watch?v=E2ib5saDLHw>]. Acesso jul. 2019.

Fonte: Youtube. “Parei de tomar anti: o que aconteceu? ♥Vivi Lemes”.  
[<https://www.youtube.com/watch?v=MSOEPT0nliU>]. Acesso jul. 2019.

Fonte: Youtube. “Parei de tomar anticoncepcional – minha experiência”.  
[<https://www.youtube.com/watch?v=jZWnmLM0psU&t=507s>]. Acesso maio 2019.

Fonte: Youtube: “Por que parei o anticoncepcional – vantagens e desvantagens”.  
[<https://www.youtube.com/watch?v=1W7tpkTC5GU>]. Acesso Set. 2019.

Fonte. Youtube: “Queda de cabelo, falta de libido - parei com o anticoncepcional”.  
[<https://www.youtube.com/watch?v=-luFIjsYxDY>]. Acesso Set. 2019.